

## Presente de grego: como neonazistas e gregos antigos se encontraram em Charlottesville

### Beware of Greeks Bearing Gifts: How Neo-Nazis and Ancient Greeks Met in Charlottesville

Prof. Dr. Denise Eileen McCoskey\*

Tradução: Leonardo Petersen Lamha\*\*

**RESUMO:** Este artigo foi publicado em maio de 2018, alguns meses após os violentos protestos de extrema-direita contra a remoção de símbolos e estátuas associados aos estados Confederados e à escravidão, ocorridos na cidade americana de Charlottesville em 12 de agosto de 2017. Já em 2022, a exemplo de Buffalo, Nova York, ocorreram pelo menos sete diferentes tiroteios em massa em diversas partes dos Estados Unidos onde vê-se o mesmo padrão: jovens brancos de classe média alegando defender os valores, hoje sob ameaça, de um passado greco-latino romantizado e distorcido – distorções que continuam ganhando força no Brasil. Neste artigo, a classicista Denise McCoskey analisa como a branquitude e a pureza racial vieram a ser associada à antiguidade clássica e como, porém, os gregos e os romanos tratavam sua cultura e seu passado de formas bem mais complexas.

**PALAVRAS-CHAVE:** alt-right; racismo; classicismo; gregos.

**ABSTRACT:** This article was published in May 2018, a few months after the violent far-right demonstrations against the removal of symbols and statues associated with the Confederate states and American slavery that took place in Charlottesville on August 12, 2017. In 2022 there have been at least seven different mass shootings in various parts of the United States where the same pattern can be seen: young middle-class white men claiming to defend the values, now under threat, of a romanticized and distorted classical past - distortions that continue to gain traction in Brazil. In this article, classicist Denise McCoskey analyzes how whiteness and racial purity came to be associated with classical antiquity and how, however, the Greeks and Romans treated their culture and their past with much more complexity.

**KEYWORDS:** alt-right; racism; classicism; greeks.

---

\* Professora de Estudos Clássicos e afiliada ao Black World Studies, Universidade de Miami (Ohio), autora de *Race: Antiquity & Its Legacy* (2021) e recipiente do John J. Winkler Memorial Prize. Em 2009, venceu o Prêmio de Excelência em Ensino Universitário da Associação de Filologia da América. Atualmente pesquisa o papel da eugenia nos estudos clássicos do começo do século XX. O presente artigo foi originalmente publicado na revista *Origins* em maio de 2018. Traduzido e veiculado com a permissão da autora.

\*\* Formado em Comunicação Social pela PUC-Rio, mestre em Estudos de Literatura (UFF) e doutorando em Literatura Comparada (UFF), [leonardolamha@gmail.com](mailto:leonardolamha@gmail.com), ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1987-2071>.

A violência fatal que teve lugar em Charlottesville, Vancouver, em agosto de 2017, parece muito distante da Atenas antiga.

Entretanto, já há alguns anos, nós que estudamos a antiguidade clássica temos estado cada vez mais cientes de como neonazistas norte-americanos, supremacistas brancos e outros grupos afiliados à chamada “alt-right”<sup>1</sup> se valem de símbolos do mundo clássico para legitimar suas alegações absurdas.

Figura 1 - Propaganda de 2018 da Identity Evropa mostrando a estátua do Davi de Michelângelo em frente a uma réplica derrubada da mesma estátua, no campus da Universidade Estadual da Califórnia, em Fullerton (fonte: [www.twitter.com](http://www.twitter.com)).



Das esculturas de mármore apropriadas pelo grupo branco-nacionalista Identity Evropa até o Partenon exibido no site do fórum neonazista Stormfront, a arte e os textos clássicos têm sido utilizados de forma crescente para reivindicações branco-supremacistas (simultaneamente, esses grupos vêm recrutando estudantes nos campus universitários em níveis sem precedentes (SCHMALZ, 2017).

---

<sup>1</sup> N.T.: direita alternativa, em tradução livre. Todas as notas de rodapé são de autoria do tradutor.

Mesmo antes de Charlottesville, vários classicistas já haviam se envolvido em embates polêmicos com a alt-right. Donna Zuckerberg, editora da Revista *Eidolon* – publicação online que explora as interseções entre a sociedade e a cultura clássica e as contemporâneas – foi quem primeiro soou o alarme (ZUCKERBERG, 2016).

Figura 2 - Tweet da classicista Mary Beard em resposta a crítica a um desenho animado da BBC sobre a Roma Britânica que contém um personagem negro (fonte: BEARD, 2017)

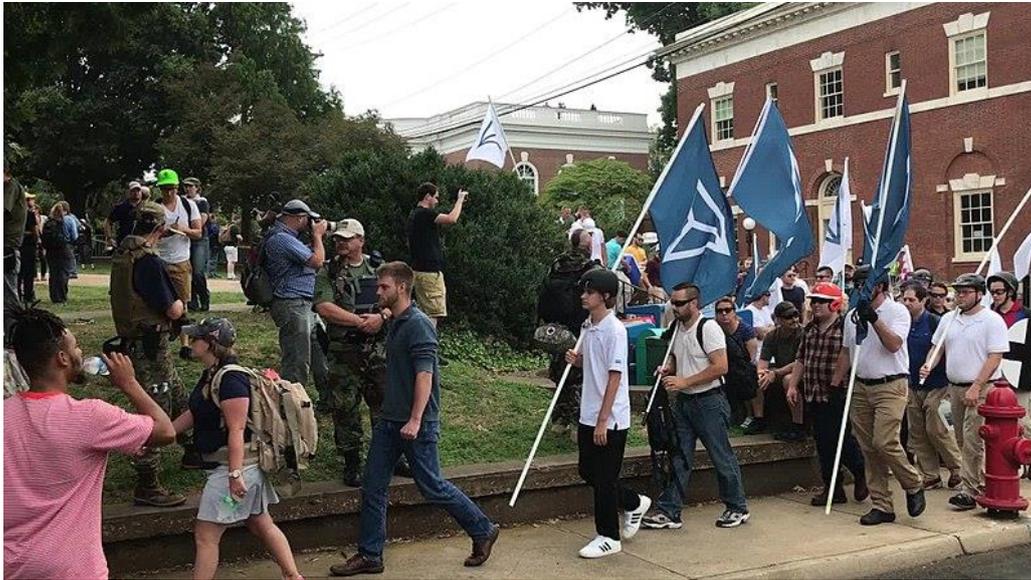


Em junho de 2017, Sarah Bond, professora assistente de Estudos Clássicos da Universidade de Iowa, foi bombardeada por mensagens de ódio (QUINTANA, 2017) após ter seu artigo sobre estátuas clássicas (BOND, 2017) apropriado pelo Campus Reform e outros grupos conservadores.

Algumas semanas depois, a classicista Mary Beard também recebeu a sua parcela de trolagem (BOSELEY, 2017) ao defender a aparição de um personagem de pele negra num desenho animado da BBC sobre a província romana da Britânia. Mas o “despejo racista do verão”<sup>2</sup> não ficou restrito à área de clássicas. Historiadores da Idade Média (RAMBARAN-OLM, 2018) também foram gradualmente forçados a questionar as apropriações branco-supremacistas sofridas por seus campos de estudo (DEVEGA, 2017).

<sup>2</sup> “Summer Dumpster of Racism”, cf. <https://medievalpoc.tumblr.com/post/164717635323/the-dumpster-summer-of-racism-in-medieval-studies>. Acesso em: 12 ago. 2022.

Figura 3 - Manifestantes pela supremacia branca carregam bandeiras da Identity Evropa, em Charlottesville, VA, agosto de 2017 (fonte: CRIDER, 2017)



Esses incidentes foram tão alarmantes que, há pouco tempo, surgiu um site especificamente voltado a documentar e refutar apropriações da antiguidade clássica feitas por grupos de ódio.<sup>3</sup>

Porém, mesmo numa época como hoje, em que historiadores classicistas têm trabalhado mais arduamente que nunca para desmascarar o uso branco-nacionalista da história clássica, ainda nadamos contra uma tradição que se estende por séculos.

#### **O apelo da “greqitude”<sup>4</sup>.**

O desejo de estabelecer uma afiliação com “os gregos”, particularmente com a antiga cidade-estado de Atenas, data quase do auge da própria Atenas do século V a.C.

---

<sup>3</sup> “Pharos: Doing Justice to the Classics.” Disponível em: <https://pharos.vassarspaces.net/>. Acesso em 11 ago. 2022.

<sup>4</sup> “Greekness”.

Figura 4 - Estátua do orador ateniense Isócrates num jardim em Versalhes, França (fonte: COYAU, 2011)



O papel desempenhado pela cultura ateniense na definição das origens e da suposta superioridade da “greqitude” já era considerável por volta de 380 a.C, quando o orador ateniense Isócrates, defendendo as virtudes de sua cidade, proclamou que os estudantes de Atenas seriam agora os educadores do resto do mundo. O termo “grego” – *continuou* – não mais conotava raça, mas “intelecto” ou “estado de espírito” (*dianoia*), e os chamados “gregos” compartilhavam não um sangue comum, mas a mesma “educação” ou “treinamento” (*paideia*).

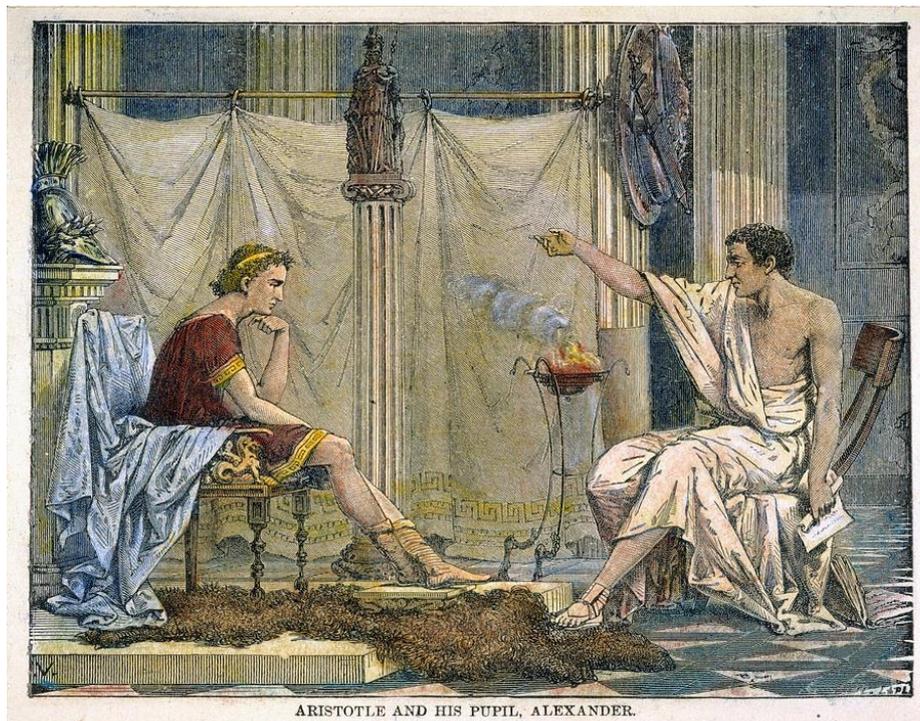
Enquanto tramava sua própria ascensão ao palco mundial, Alexandre, o Grande cultivou cuidadosamente uma versão da cultura grega cada vez mais padronizada, baseada em normas atenienses.

Portanto, Alexandre não foi só o famoso tutor do filósofo Aristóteles, mas também, estima-se, falava em público uma forma de grego ático (ou *koine*), fato revelado pelo historiador Plutarco ao notar que o jovem comandante, certa vez, num momento de profunda raiva, começou sem querer a falar em “macedônio”.

Falar grego permitiu que Alexandre garantisse o que lhe era supostamente de direito numa Grécia que permanecia cética a respeito daqueles selvagens do interior macedônico – e isso em 338 a.C., quando o pai de Alexandre, Filipe II, já havia conquistado uma coalizão de cidades-estados gregas, incluindo Atenas.

A certa altura, como se sabe, os romanos tomariam o controle do antigo Mediterrâneo, e seu engajamento com a cultura grega se tornaria tão profundo quanto, por vezes, conflituoso. Como famosamente anunciou o poeta Horácio: a Grécia conquistada captura seus ferozes conquistadores.

Figura 5 - Gravura francesa de 1866 representando o filósofo Aristóteles educando Alexandre, o Grande (fonte: ARISTOTLE, 2022).



Embora a cultura da antiguidade clássica tenha se apagado durante a Idade Média, sua redescoberta ajudou a estimular a vibrante cultura visual e literária da Renascença. A noção de uma “herança” greco-latina tangível seria então disseminada pela Europa Ocidental e pelos Estados Unidos por meio do conceito – inventado – de “civilização ocidental” (APPIAH, 2016).

### **Grécia e Roma cruzam o Atlântico**

O desejo de reivindicar uma herança clássica desempenhou um papel formador nos Estados Unidos desde suas raízes. Isso porque os gregos e romanos teriam ensinado aos americanos, dentre uma vasta gama de ideias e práticas, como desenhar nossa arquitetura pública, como conceber as artes e a literatura, como estabelecer o bom gosto e os padrões de beleza, como definir virtudes pessoais tais como a racionalidade e o autocontrole, e até mesmo como organizar politicamente nosso governo. Em resumo, ensinaram-nos a articular muitos dos princípios fundamentais da nação e da identidade dos Estados Unidos.

Figura 6 - Estudantes negros em frente à estátua de George Washington, esculpida por Horatio Greenough, Washington, D.C., por volta de 1899 (fonte: JOHNSTON, 2022)



Tanto quanto aos edifícios públicos em estilo neoclássico, conhecer a cultura clássica – a literatura, a teoria política, a filosofia – era considerado indispensável nos Estados Unidos dos séculos XVIII e XIX. O experimento de autogovernança republicana dependia da “virtude” dos cidadãos – acreditavam os pais fundadores –, e a melhor fonte de virtude era a educação clássica. Não à toa o escultor Horatio Greenough representou George Washington, o mais virtuoso dos americanos, vestido com uma toga romana.

Figura 7 - Em 1867, a escultora afro-americana Edmonia Lewis utilizou-se de técnicas neoclássicas e da indumentária romana para representar, com *Forever Free*, o fim da escravidão e a dignidade dos ex-escravizados (fonte: NEOCLASSICAL, 2022).



Mas a importante educação clássica não era privilégio de americanos brancos. Também afro-americanos se valeram, a seu modo, do passado clássico. Frederick Douglass, por exemplo, estudou atentamente a oratória clássica. E Joseph Wilson, veterano negro da Guerra Civil, publicou uma obra na qual equipara soldados negros aos da Grécia arcaica, *The Black Phalanx: A History*

*of the Negro Soldiers of the United States in the Wars of 1775-1812, 1861-'65.*<sup>5</sup> Ao denominá-los “falange”, Wilson procurou explicitamente representá-los como os legítimos descendentes dos guerreiros gregos.

Em resposta às tentativas de antropólogos como S.G. Morton de “provar” que os antigos egípcios eram brancos, uma orgulhosa linhagem clássica foi reivindicada por afro-americanos, chamando a atenção para a negritude dos egípcios e para ideias de antropólogos negros segundo as quais a mistura entre europeus e africanos teria contribuído para a ascensão da Grécia Antiga. Jefferson, Madison, Douglass e Du Bois – todos acreditavam no valor que a tradição greco-latina representava para todos os americanos, sem exceção.

Dada a rica diversidade da influência clássica na vida americana (McCULLOUGH, 2014), como essa relação com a Grécia Antiga veio a ser reduzida tão simplisticamente a uma herança racial, em vez de cultural? Como essa herança, em vez de tornar-se um repositório de ideias disponível a todos nós, viria a se tornar uma afiliação primordial que alguns brandem contra outros?

### **Antes da branquitude, questões raciais**

Qualquer associação entre gregos e romanos e a pele branca ignora um fato elementar: na antiguidade clássica, as concepções raciais não significavam o que significam hoje. Era tão complexo no mundo antigo explicar como as pessoas podem ser diferentes entre si (e, portanto, inferiores e superiores umas às outras) quanto hoje.

Ainda assim, segundo as fontes de que dispomos, está claro que os gregos não utilizavam a cor da pele para definir a diversidade humana. Embora usassem diferentes palavras para denotar todo um espectro de cores – e retratassem diferentes tonalidades de pele em sua arte –, a cor da pele é representada ou mencionada nos textos para sugerir, principalmente, a mera descrição da aparência física, não contendo quaisquer outras conotações.

---

<sup>5</sup> “A falange grega: a história dos soldados negros dos Estados Unidos nas guerras de 1775-1812 e 1861-1865”, tradução livre.

Figura 8 - Retratos de múmias da época romana (fonte: FAYUM, 2022)



Além disso, como podemos perceber pelos retratos posteriores de múmias produzidos na época romana (uma arte que parece ter a intenção de representar pessoas reais o mais fielmente possível), a cor de pele dos gregos e romanos variava, tal como nos atuais habitantes do Mediterrâneo.

Mesmo não havendo nenhum indício de que os gregos se identificavam coletivamente como “brancos”, o pensamento grego associava um grupo à cor de pele negra ou escura: os “etíopes”. Porém, essa categoria estava longe de aparecer de forma consistente no pensamento grego e evoluiria ao longo do tempo, conforme os gregos entravam contato com africanos negros. Na poesia de Homero, uma das literaturas gregas mais antigas a sobreviver, os etíopes eram representados como especialmente próximos aos deuses; numa cena, consta que Zeus jantou com eles.

Ainda que não considerassem a diversidade humana como produto puro e simples da biologia, os gregos antigos desenvolveram uma teoria que procurava explicar essa diversidade por meio tanto da localização geográfica quanto do ambiente. Dessa perspectiva, o clima de uma região possuía uma correlação direta não só com o aspecto físico de um grupo, mas também com o seu comportamento e personalidade.

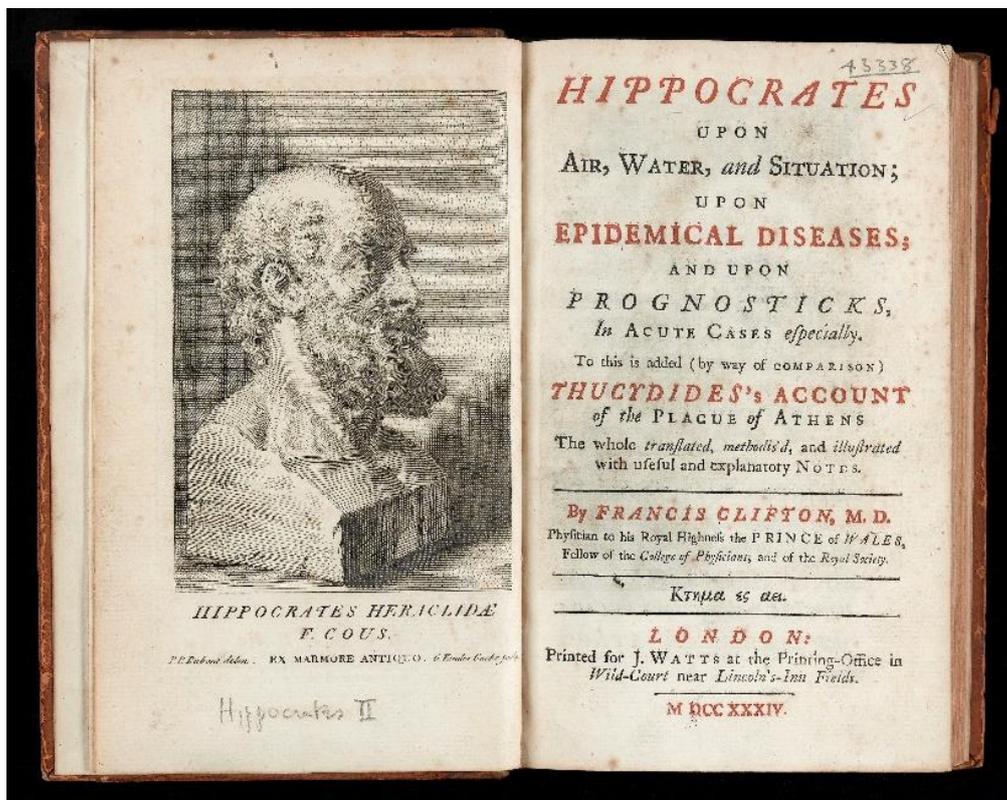
Figura 9 – Desenho, altamente controverso, de um afresco na tumba de Seti I, de 1820 (fonte: EGYPTIAN, 2022)



Essa teoria permitiu que os gregos estabelecessem sua própria superioridade ao se posicionarem na região que consideravam ter o melhor clima (geralmente, num ponto localizado entre diferentes extremos), e também ao contrastarem a Europa com o que chamavam de Ásia, território dominado pelo Império Persa e que abrangia a atual Turquia (SCHARFE, 2014), partes do Oriente Próximo e da Ásia Central (PEYROUSE, 2009).

Segundo o tratado de Hipócrates, “Ares, águas e lugares”, relato mais abrangente da teoria ambiental arcaica a sobreviver, uma vez que os europeus estavam sujeitos a grandes mudanças climáticas, seriam portanto mais corajosos e mais enérgicos, ao passo que os habitantes da Ásia, região que experimentava mudanças pouco expressivas no clima, seriam mentalmente flácidos e acovardados.

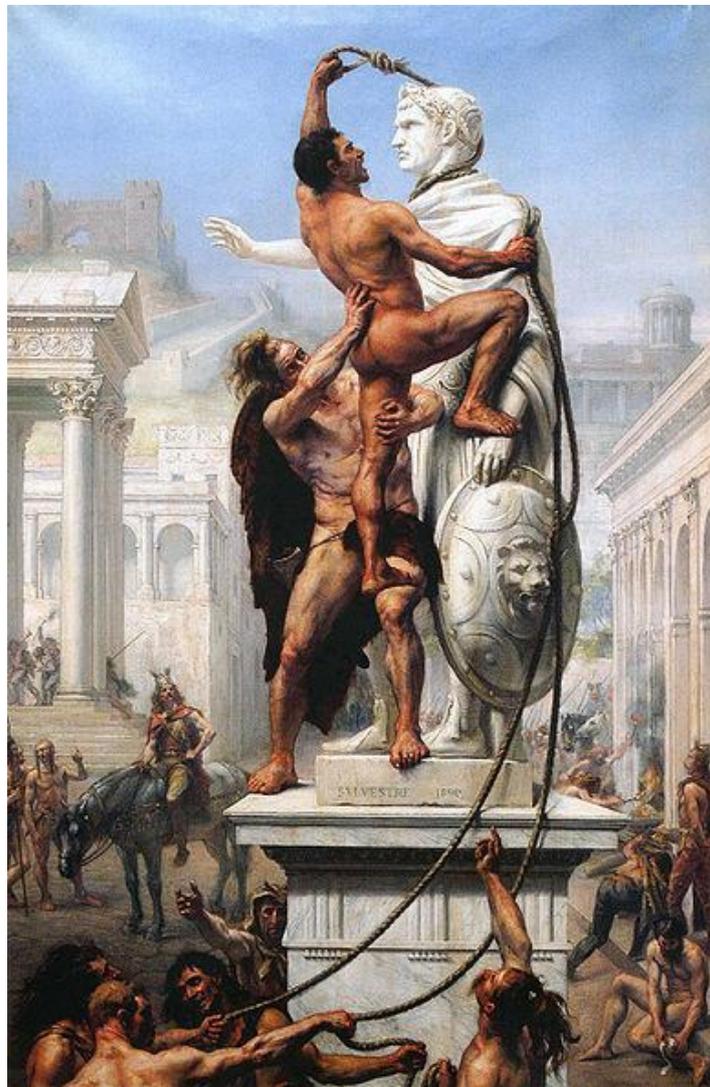
Figura 10 - Frontispício de “Ares, águas, lugares”, em inglês, de Hipócrates (fonte: HIPPOCRATES, 2022)



Mas o clima não era o único fator a exercer influência. Eventos históricos também se misturaram à teoria ambiental para produzir modos de pensar a diferença, servindo a usos mais específicos.

Em particular, as Guerras Médicas (499-449 a.C.) provavelmente representaram um divisor de águas no modo grego de pensar a si e ao mundo ao redor. Alguns historiadores gregos até atribuíram sua incrível vitória contra o Império Persa à própria “grequitude”. De acordo com eles, os gregos venceram porque eram racialmente superiores aos persas.

Figura 11 – Pintura de 1890 que retrata o Saque de Roma, perpetrado por “bárbaros” em 410 a.C. (fonte: VISIGOTH, 2022)



A partir daí, os gregos traçaram a distinção entre si mesmos e o resto do mundo, juntando todos que não eram gregos sob a categoria “bárbaros” – uma distinção definida não pela cor de pele, mas por uma série de outros fatores. Um desses foi o sistema governamental do grupo, que diferenciava os que viviam “livres” numa democracia daqueles que eram governados por um monarca.

Tal como os gregos, os romanos nunca se conceberam como “brancos”.

Eles não enxergavam o mundo a partir de uma dicotomia entre si mesmos e os “bárbaros”; mais precisamente, colocavam outros povos numa espécie de balança dinâmica. Nela, alguns grupos assemelhavam-se mais ao ideal romano, enquanto outros se distanciavam dele. Isso permitiu que os romanos delineassem a complexidade social que encontravam ao longo de seu vasto império, onde certos grupos podiam adentrar pacificamente, ao passo que outros eram violentamente subjugados.

Portanto, se as noções raciais da antiguidade eram tão diferentes das nossas, como ficamos tão empenhados em enxergar gregos e romanos como “homens brancos mortos”?

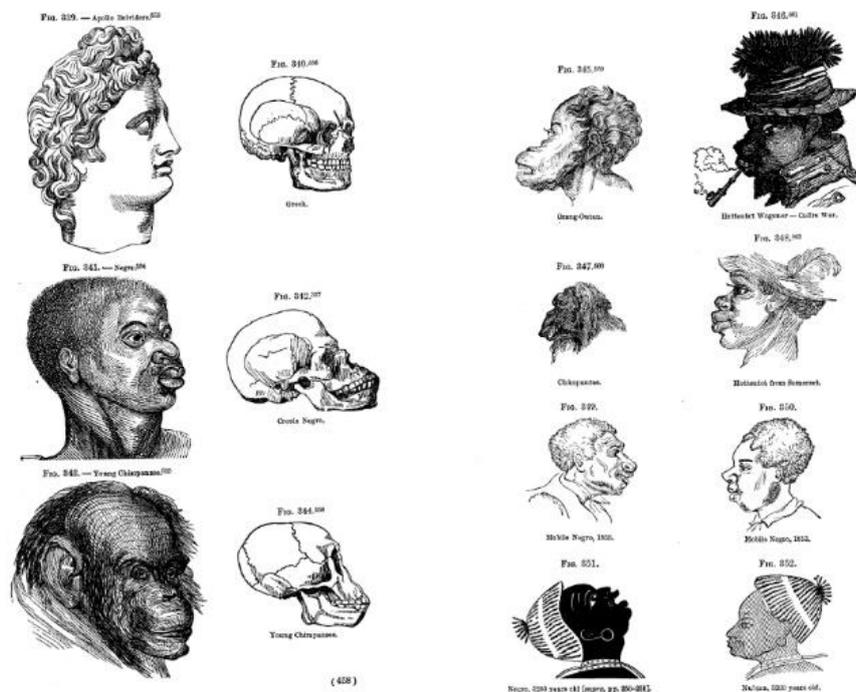
## **O branqueamento do mundo clássico**

O próprio campo dos estudos clássicos carrega uma considerável responsabilidade pelo branqueamento da antiguidade clássica.

Enquanto prática profissional, os estudos clássicos emergiram num momento em que o pensamento racial estava mudando. Se, antes, a diversidade humana era interpretada a partir de textos como os da Bíblia, já no decorrer dos séculos XVIII e XIX noções raciais foram sendo crescentemente associadas ao estudo da anatomia humana.

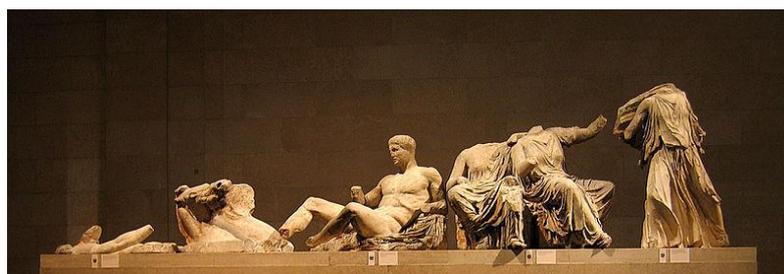
A tentativa de explicar fenômenos históricos como o colonialismo, o comércio transatlântico de escravos, a questão racial e especialmente a cor de pele, foi sendo cada vez mais tratada como papel da biologia humana. No século XIX, cientistas racistas passaram a medir uma série de características físicas – desde traços faciais até a capacidade cranial, a textura capilar e a extensão dos membros – para criar hierarquias raciais que, invariavelmente, colocavam o tipo norte-europeu no topo.

Figura 11 – Ilustrações de *Indigenous Races of the Earth* (1857), de Josiah Clark Nott e George Robins Giddon, obra que argumenta que os “negros” estavam mais próximos dos chimpanzés que dos gregos. A obra de Nott e Giddon adaptou o trabalho de Louis Agassiz e de S. G. Morton para o público geral (fonte: BROWN, 2012)



Foi durante esse período que a escultura clássica começou a adquirir novos significados. Estátuas greco-romanas passaram a encerrar a perfeição física do passado. Por conseguinte, os norte-europeus e os euro-americanos da época passaram a acreditar que eram descendentes dos gregos antigos – crença que, no limite, significou o reposicionamento dos próprios gregos modernos, que haviam suportado a ocupação turca e não eram mais considerados “puros” o bastante para reivindicar essa nobre ancestralidade. Tal preconceito assombra até hoje os debates sobre se os Mármores de Elgin deveriam ser devolvidos à Grécia.

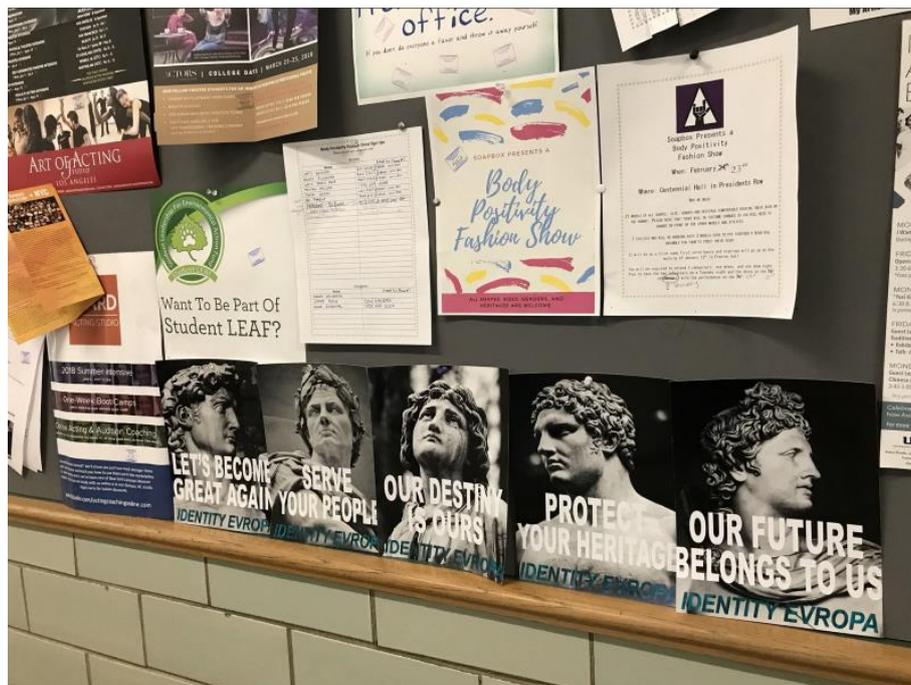
Figura 12 – Imagens do Frontão Leste do Partenon, de 447-438 a.C., no British Museum (fonte: ELGIN, 2022)



Ao utilizar esculturas clássicas para identificar a raça dos gregos antigos, estudiosos do século XIX voltaram a atenção para a brancura do mármore – embora saibamos atualmente que essas estátuas eram pintadas – e para características tais como os ângulos da estrutura facial. Assim, fixaram-se particularmente na estátua de Apolo Belvedere, cuja cabeça era utilizada em vários projetos fisionômicos da época para ilustrar a superioridade dos grupos “brancos”. Recentemente, o Apolo Belvedere apareceu em cartazes do grupo branco-supremacista Identity Evropa.

O conceito de raça não só impulsionava novas interpretações da história da arte e da ciência como também vinha se tornando fundamental para a própria escrita da História. Dessa forma, a noção de raça servia cada vez mais como objeto de investigação histórica, bem como *explicação* para seu progresso. A raça, nessa perspectiva, seria o principal motor do desenvolvimento humano. Por essa lógica, os gregos não apenas seriam brancos, mas também só teriam conseguido criar sua impressionante civilização *por serem* brancos.

Figura 13 – Em 2017, membros do Identity Evropa colaram pôsteres panfletários em vários campus universitários dos Estados Unidos mostrando esculturas icônicas do período clássico e da Renascença, tais como o Davi, de Michelângelo, e o Apolo Belvedere (fonte: [www.twitter.com](http://www.twitter.com)).



Na primeira metade do século XX, muitos classicistas aplicaram uma nova teoria racial às suas interpretações da antiguidade: a eugenia. Consequência lógica do racismo científico do século XIX, a eugenia propunha ser possível criar uma raça superior manipulando a reprodução humana, tendo como própria consequência lógica o Holocausto.

Talvez o mais infame entre os classicistas, Tenney Frank argumentou em 1916 que a “mistura racial” havia levado à queda de Roma, conclusão esta que emergiu de um rol de perguntas científicas que mal conseguiam disfarçar o incômodo da época a respeito do papel de ex-escravizados na sociedade norte-americana e da então recente onda imigratória. Embora datado há mais de século e inteiramente desacreditado pelos estudiosos, o artigo de Frank é leitura obrigatória para os supremacistas brancos de hoje.

Figura 14 – Apresentação da Juventude Hitlerista sobre as supostas origens do povo judeu (esquerda). Em 1938, Adolf Hitler não mediu esforços para comprar uma cópia em mármore do Discóbolo, obra em bronze do escultor grego Míron, de cerca de 460 a.C (direita) (fonte: 2ND, 2016)



Em 1925, o classicista John Scott aplicou a perspectiva eugênica ao mundo grego de Homero. Ele lamentou que, no poema épico *Iliada*, haja o que chamou de “suicídio racial”. Sua interpretação de Homero enfatizava o fracasso dos gregos em ter filhos o bastante.

Contrastando o número de crianças de cada guerreiro grego com os cinquenta filhos de Príamo, Scott concluiu que, “se os heróis homéricos fossem tão estéreis quanto Homero representa, a civilização da Acaia inevitavelmente afundaria sob as ondas dos populosos vizinhos que se expandiam” (SCOTT, 1925) – interpretação esta que se dirige às preocupações da época sobre o declínio social generalizado que ocorreria se o povo mais “apto” falhasse em se reproduzir em igual proporção aos grupos considerados inferiores.

Figura 15 – Cena d'A *Iliada* em que lutam Aquiles e Mêmnon, representada numa cerâmica de figuras negras de cerca de 510 a.C. (fonte: AQUILES, 2022)



A preocupação com as taxas de natalidade na *Iliada*, é claro, faz tão pouco sentido quanto a preocupação com a “verdadeira” aparência dos personagens – o que não impediu alguns de entrarem em parafuso diante da escolha de um ator negro para interpretar o papel de Aquiles numa produção recente da BBC (LING, 2019).

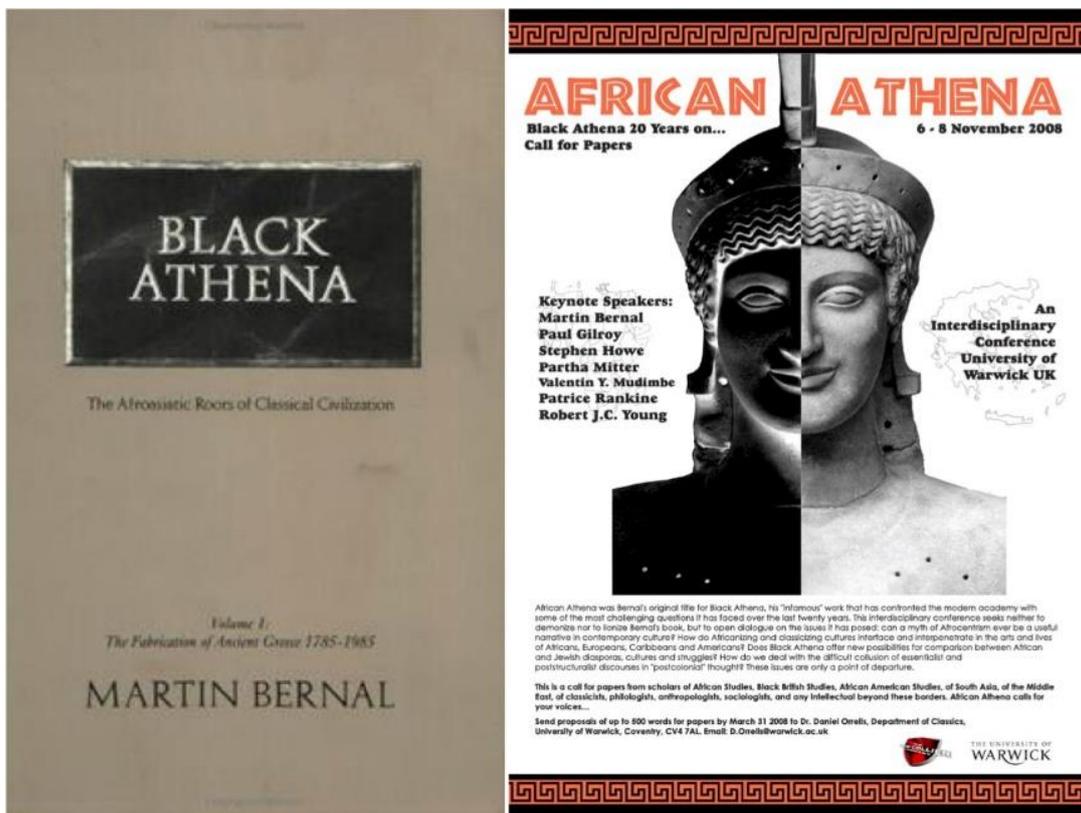
No pós-guerra, a branquitude dos gregos e romanos foi simplesmente tomada como dada, levando os questionamentos raciais na antiguidade clássica a se ocuparem apenas da pele negra e do tema “negros na antiguidade”.

Tais estudos demonstraram convincentemente que a cor negra não significava a mesma coisa na antiguidade que passou a significar na metade do século XX. Porém, não havia muita vontade de investigar a definição de “brancura” da mesma forma, e a terminologia da questão racial foi desaparecendo dos estudos clássicos.

### A questão racial retorna aos estudos clássicos

Contudo, logo os classicistas foram dramaticamente obrigados a lidar com as origens racistas de seu campo – quando Martin Bernal começou a publicar, em 1987, os muitos volumes de sua controversa obra *Black Athena*.<sup>6</sup>

Figura 16 – O primeiro volume de *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization* [Atena negra: as raízes afro-asiáticas da civilização clássica], de Martin Bernal (esquerda). Anúncio de conferência acadêmica na Universidade de Warwick, em 2008, para discutir as questões trazidas pela obra de Bernal no vigésimo aniversário de sua publicação (direita) (fontes: BLACK, 2022; SATTVA, 2010)



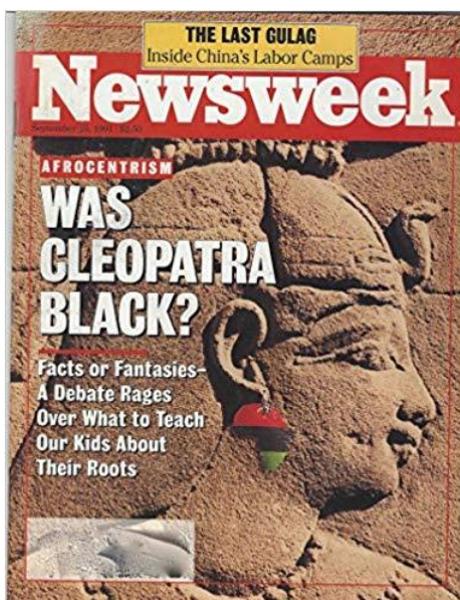
<sup>6</sup> “Atena negra”.

Em retrospecto, o tema de *Black Athena* parece óbvio. Como escreveu Bernal: “*Black Athena* preocupa-se principalmente com o papel dos egípcios e semíticos na formação da Grécia durante os períodos iniciais e médios da Idade do Bronze” (BERNAL, 1987, p. 21).

Porém, como bem sabia ele, ao colocar as origens gregas sob investigação crítica, bem como ao levantar questões acerca da suposta dependência, por parte da civilização grega, de culturas orientais, Bernal chacoalhou alguns dos fundamentos sobre os quais foi erguida a noção de “civilização ocidental”. E *Black Athena* ainda insinuaria que a cultura clássica não foi uma conquista “puramente” grega ou “ocidental”, mas um produto das vastas redes socioeconômicas que atravessavam o mundo marcadamente diverso do antigo Mediterrâneo.

O trabalho de Bernal provocou uma tempestade no campo dos estudos clássicos. Mas o foco principal de sua obra no desenvolvimento cultural da Grécia foi logo ofuscado pela atenção que receberam seus comentários ocasionais a respeito da cor da pele dos egípcios. Aparentemente, o véu da cultura havia sido levantado mais uma vez, expondo a questão racial. Por (meio que) argumentar pela negritude dos antigos egípcios, Bernal ficou fortemente associado, na imaginação pública, ao afrocentrismo. Em setembro de 1991, a controvérsia resultou numa capa da Revista Newsweek com a seguinte chamada: “Cleópatra era negra?”

Figura 17 – A edição de setembro de 1991 da Newsweek (fonte: NEWSWEEK, 2022)



Os efeitos a longo prazo de *Black Athena* têm sido difíceis de medir. Alguns classicistas, de formas tácitas e complicadas de delinear, certamente internalizaram os imperativos presentes no trabalho de Bernal, o que nos levou a aperfeiçoar, enquanto classicistas, nossa prática profissional. Porém, à época, muitos eminentes estudiosos simplesmente se sentiram atacados e tentaram, em desespero, “proteger” os seus gregos queridos contra as investidas da... bem, análise crítica.

Embora atualmente não haja muita discussão relevante sobre a hipótese de Bernal, nós classicistas continuamos a debater a origem e a história (GOLD; PERALTA, 2017) de nosso campo de estudos, ao mesmo tempo em que tentamos criar um futuro mais inclusivo.

### **Um mito grego que se nega a morrer**

Durante o período das eleições de 2016, o deputado Steve King (R-IA), numa aparição na MSNBC, expressou profunda frustração com o que caracterizou como “essas coisas de [chamar de] branco” (TPM TV, 2016). Ele reagia a um grupo da Convenção Republicana Nacional cujos membros haviam sido chamados de “brancos barulhentos, infelizes e amargos”.

King então pediu aos “especialistas” que “procurassem na História as contribuições feitas por essas categorias de pessoas a quem vocês se referem”. E perguntou, em seguida: “onde mais algum outro grupo contribuiu tanto para a civilização?”

Ao ser pressionado por Chris Hayes, apresentador da MSNBC, sobre se ele se referia aos “brancos”, King reformulou suas ideias para referir-se à “civilização ocidental em si”, um lugar “enraizado na Europa Ocidental, no Leste Europeu e nos Estados Unidos da América”, bem como em “todo lugar do mundo onde a pegada do Cristianismo tenha sido deixada”.

Sentindo que a conversa escapava ao controle, Hayes interveio para terminá-la, lembrando à audiência que eles “não iriam discutir a história da civilização ocidental”.

Ah, vamos sim, Chris Hayes, vamos sim.

Os gregos e os romanos nos deixaram muitos “presentes” – e, sem dúvida, vários aspectos dessa herança são mais tenebrosos que outros, em especial as justificativas filosóficas para o legado da escravidão.

Figura 18 – Protesto do grupo Identity Evropa em frente a uma réplica do Parthenon, em 2018, Nashville, TN (fonte: MacSWEENEY, 2019)



Porém, além de continuar a discutir o significado e os valores da “civilização ocidental”, precisamos também lidar com as atuais tentativas de estabelecer a raça, em vez da cultura, como nossa “herança”. Pois uma coisa que os gregos e romanos não nos legaram foi a noção de “branquitude”.

Portanto, hoje mais do que nunca, precisamos retomar os mesmos questionamentos críticos que os gregos e os romanos faziam sobre o mundo deles, de modo a desmascarar as distorções que têm sido atualmente feitas do seu legado.

## Referências

2ND Nazi propaganda slide of a Hitler Youth educational presentation entitled "Germany Overcomes Jewry". US Holocaust Memorial Museum, 2016. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1171695>. Acesso em: 11 ago. 2022.

AQUILES e Mêmnon, entre Tétis e Éos. Side A of an Attic black-figure amphora, ca. 510 BC. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Wikimédia, 2022. Disponível em:

[https://en.wikipedia.org/wiki/File:Akhilleus\\_Memnon\\_Staatliche\\_Antikensammlungen\\_1410.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/File:Akhilleus_Memnon_Staatliche_Antikensammlungen_1410.jpg). Acesso em: 11 ago. 2022

APPIAH, Kwame Anthony. There is no such thing as western civilization. *The Guardian*. 09 nov. 2016. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/world/2016/nov/09/western-civilisation-appiah-reith-lecture>. Acesso em: 11 ago. 2022

ARISTOTLE teaching Alexander the Great. Charles Lapante, 1866. In:

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Wikimédia, 2022. Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Alexander\\_and\\_Aristotle.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Alexander_and_Aristotle.jpg).

Acesso em: 11 ago. 2022.

BEARD, Mary. this is indeed pretty accurate, there's plenty of firm evidence for ethnic diversity in Roman Britain. 25 jul. 2017. *Twitter*: @wmarybeard.

Disponível em: <http://twitter.com/wmarybeard/status/889925415032299520>. Acesso 12 ago. 2022.

BERNAL, Martin. *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization, Vol 1: The Fabrication of Ancient Greece 1785-1985*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1987.

BLACK Athena. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Wikimédia, 2022.

Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/File:Black\\_Athena.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/File:Black_Athena.jpg). Acesso em: 11 ago. 2022.

BOND, Sarah E. Why We Need to Start Seeing the Classical World in Color. *Hyperallergic*. 07 jun. 2017. Disponível em:

<https://hyperallergic.com/383776/why-we-need-to-start-seeing-the-classical-world-in-color>. Acesso em 11 ago. 2022

BOSELEY, Sarah. Mary Beard abused on Twitter over Roman Britain's ethnic diversity. *The Guardian*. 06 ago. 2017. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/uk-news/2017/aug/06/mary-beard-twitter-abuse-roman-britain-ethnic-diversity>. Acesso em: 11 ago. 2022

BROWN, Ricardo B. Notes on Royal Society's "Types of Mankind" post. *Until Darwin: Science and the Origins of Race*. 09 out. 2012. Disponível em:

<https://until-darwin.blogspot.com/2012/10/notes-on-royal-societys-types-of.html>. Acesso em 11 ago. 2022

COYAU. Parc de Versailles, Rond-Point des Philosophes. Isocrate, Pierre Granier (1684-1688) MR1870. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Wikimédia, 02 jun. 2011. Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Parc\\_de\\_Versailles,\\_Rond-Point\\_des\\_Philosophes,\\_Isocrate,\\_Pierre\\_Granier\\_MR1870\\_02.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Parc_de_Versailles,_Rond-Point_des_Philosophes,_Isocrate,_Pierre_Granier_MR1870_02.jpg). Acesso em: 11 ago. 2022.

CRIDER, Anthony. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Wikimédia, 16 ago. 2017 Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Charlottesville\\_%22Unite\\_the\\_Right%22\\_Rally\\_\(35780470254\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Charlottesville_%22Unite_the_Right%22_Rally_(35780470254).jpg). Acesso em: 11 ago. 2022

DEVEGA, Chauncey. Alt-right catches knight fever — but medieval scholars strike back. *Salon*. 30 nov. 2017. Disponível em:

<https://www.salon.com/2017/11/30/alt-right-catches-knight-fever-but-medieval-scholars-strike-back/>. Acesso em: 11 ago. 2022

EGYPTIAN Races. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Wikimédia, 2022.

Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/File:Races2.jpg>. Acesso em: 11 ago. 2022.

ELGIN Marbles East Pediment. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre.

Wikimédia, 2022. Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Elgin\\_Marbles\\_east\\_pediment.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Elgin_Marbles_east_pediment.jpg). Acesso em: 11 ago. 2022.

FAYUM Mummy Portraits. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Wikimédia, 2022. Disponível em:

[https://en.wikipedia.org/wiki/Fayum\\_mummy\\_portraits](https://en.wikipedia.org/wiki/Fayum_mummy_portraits). Acesso em: 11 ago. 2022.

GOLD, Solveig Lucia; PERALTA, Dan-el Padilla. The colorblind bard: an exchange. *New Criterion*. 31 ago. 2017. Disponível em:

<https://newcriterion.com/blogs/dispatch/colorblind-bard-exchange>. Acesso em: 11 ago. 2022.

HIPPOCRATES bust and title pages. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre.

Wikimédia, 2022. Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hippocrates\\_bust\\_and\\_title\\_page\\_Wellcome\\_LO041093.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hippocrates_bust_and_title_page_Wellcome_LO041093.jpg). Acesso em: 11 ago. 2022.

JOHNSTON, Frances Benjamin. African American school children facing the Horatio Greenough statue of George Washington at the U.S. Capitol. 1899. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Wikimédia, 2022. Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Horatio\\_Greenough\\_statue\\_of\\_George\\_Washington.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Horatio_Greenough_statue_of_George_Washington.jpg). Acesso em: 11 ago. 2022.

LING, Thomas. No, the BBC is not 'blackwashing' Troy: Fall of a City.

*RadioTimes*. 12 fev. 2019. Disponível em:

<https://www.radiotimes.com/tv/drama/troy-fall-of-a-city-blackwashing-casting-black-actors-greek-myth/>. Acesso em 11 ago. 2022.

MAC SWEENEY, Naoise et al. Claiming the Classical: The Greco-Roman World in Contemporary Political Discourse. *Council of University Classical*

*Departments Bulletin*, n48, 2019. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/figure/Screenshot-from-the-Identity-Evropa->

website-showing-a-blog-post-dated-9-th-August-2018\_fig1\_332267916. Acesso em: 12 ago. 2022

MCCULLOUGH, Anna. Savage Gladiators vs. Civilized Amateurs: Rome and Athens in American Sports Culture. *Origins: Current Events in Historical Perspective*. set. 2014. Disponível em: <https://origins.osu.edu/article/savage-gladiators-vs-civilized-amateurs-rome-and-athens-american-sports-culture-0>. Acesso em: 11 ago. 2022.

NEOCLASSICAL Salon of Equality, 2022. Disponível em: <https://lplsalon.wordpress.com/edmonia-lewis-forever-free>. Acesso em: 12 ago. 2022.

NEWSWEEK Magazine September 23, 1991. Disponível em: <https://www.amazon.com/Newsweek-Magazine-September-1991-Cleopatra/dp/B07319DGMC>. Acesso em: 11 ago. 2022

PEYROUSE, Sebastien. Building a New Silk Road? Central Asia in the New World Order. *Origins: Current Events in Historical Perspective*. jul. 2009. Disponível em: <https://origins.osu.edu/article/building-new-silk-road-central-asia-new-world-order>. Acesso em: 11 ago. 2022.

QUINTANA, Chris. For One Scholar, an Online Stoning Tests the Limits of Public Scholarship. *The Chronicle of Higher Education*. 16 jun. 2017. Disponível em: <https://www.chronicle.com/article/for-one-scholar-an-online-stoning-tests-the-limits-of-public-scholarship/>

RAMBARAN-OLM, Mary. Anglo-Saxon Studies [Early English Studies], Academia and White Supremacy. *Medium*. 27 jun. 2018. Disponível em: <https://mrambaranolm.medium.com/anglo-saxon-studies-academia-and-white-supremacy-17c87b360bf3>. Acesso em 11 ago. 2022

SATTVA, Moda. Black Athena Debate. *Controversies in History*. 11 mai. 2010. Disponível em: <https://controversialhistory.blogspot.com/2010/05/black-athena-debate.html>. Acesso em: 11 ago. 2022.

SCHARFE, P. Erdoğan's Presidential Dreams, Turkey's Constitutional Politics. *Origins: Current Events in Historical Perspective*. dez. 2014. Disponível em: <https://origins.osu.edu/article/erdo-s-presidential-dreams-turkey-s-constitutional-politics>. Acesso em: 11 ago. 2022.

SCHMALZ, Julia. Inside an 'Unprecedented' Increase in Campus White-Supremacist Recruiting. *The Chronicle of Higher Education*. 09 out. 2017. Disponível em: <https://www.chronicle.com/article/inside-an-unprecedented-increase-in-campus-white-supremacist-recruiting>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SCOTT, John A. Race-Suicide among the Achaeans. *The Classical Journal*, 20(4), 1925, p. 236-237.

TPM TV. Steve King Asks: What Have Minorities Contributed To Civilization?. *YouTube*, 18 jul. 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=tu-LBS\\_kpDQ](https://www.youtube.com/watch?v=tu-LBS_kpDQ). Acesso em 11 ago. 2022.

VISIGOTH Sack Rome. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Wikimédia, 2022. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Visigoths\\_sack\\_Rome.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Visigoths_sack_Rome.jpg). Acesso em: 11 ago. 2022.

ZUCKERBERG, Donna. How to Be a Good Classicist Under a Bad Emperor. *Eidolon*. 21 nov. 2016. Disponível em: <https://eidolon.pub/how-to-be-a-good-classicist-under-a-bad-emperor-6b848df6e54a>. Acesso em: 10 ago. 2022.